



## POTENCIAL DE MEMÓRIA NOS SIGNOS VISUAIS: SIGNIFICAÇÃO E RESSIGNIFICAÇÃO DE ÈSÙ ELEGBARA

Sidney Gomes Campanhole  
PUC-SP

### Resumo

Este estudo é um ensaio preliminar baseado no legado de Charles Sanders Peirce para rever a importância da memória e da indexalidade do signo triádico. São análises sintéticas de semioses desencadeadas na imagética das estatuetas de Èsù *Elegbara* na sua origem africana, na cultura afro-brasileira e na visão dos estrangeiros para essa organização religiosa. Deste modo pretende-se contribuir para os estudos da cultura da visualidade na sua parte mais ínfima, o signo e sua expansão (a semiose) e a delimitação de sentidos quando restrita a semioses que proliferam sob as condutas que regeneram hábitos em direção a diversidade referencial ressignificando de modo concêntrico a matriz ou em direção a possíveis falácias.

**Palavras-chaves:** Signo - semiose – memória – Èsù *Elegbara*

### Abstract

This is a preliminary study based on the legacy of Charles Sanders Peirce, which objective is to review the importance of memory and indexical features of the triadic sign in semiosis, with a brief analysis of the imagery present in the statues of *Eshu Elegbara* in its african origin, in the Afro- Brazilian culture and in the view of foreigners about the religious organization relate to them. The aim is thus to contribute to the studies of the culture of visuality in its tiniest part, the sign and its expansion (the semiosis). Also its delimitation of senses when restricted to the semiosis that proliferate on behaviours that regenerate habits towards the diversity reference re-signifying the matrix in a concentric mode or towards eventual falacies.

**Keywords:** Sign – semiosis – memory - Eshu *Elegbara*

253

O objetivo desse texto é apresentar a teoria do signo triádico como processo de revelação da memória, pois o signo, na sua fluência, estabelece relações de anterioridade com o presente. Peirce afirmou que: *“todo nosso pensamento e conhecimento se dá em signos”* (CP, 8.332), portanto, objetos, imagens, na condição de signos, são detentores de conhecimentos, experiências pretéritas que conduzem novas experiências (percepção, apropriação cognitiva, ideias, etc). Mas, não haveria sentido na argumentação geral, se não partisse de um caso particular, concreto, sob o viés da lógica crescente do raciocínio indutivo para o dedutivo, assim, após breve apresentação do engendramento filosófico elaborado por Peirce, será feita uma investigação do potencial de memória, significação e ressignificação, na construção imagética de Èsù *Elegbara*.

### 1 O legado de Peirce

O pensamento de Charles Sanders Peirce (1839-1914) registrado em algumas dezenas de artigos publicados, um vultoso número de manuscritos, reflexões anotadas e correspondências mantidas durante parte de sua vida, edificou uma Filosofia



singular. Dialogou com diversas áreas do conhecimento, química, geodésica, física, matemática, entre outras, e teceu uma teoria baseada na relação de contiguidade, da alteridade e da generalização. Seu desígnio não foi elaborar uma teoria do signo, que foi a consequência, mas de analisar o desenvolvimento da lógica, o pensamento controlado. Apesar da complexidade do seu pensamento, cuja síntese é correr riscos interpretativos, vamos nos ater somente aos tópicos necessários para argumentar o potencial de memória do signo.

Para segui-lo, devemos tomar a ciência que é um pensamento constantemente tricotômico, fundado nas categorias cenopitagóricas (um dois e três). Tudo que está presente a mente é um fenômeno (*farenon*): uma alucinação, um som, a escrita do livro, um cheiro, etc., que possuem não mais que três ordens de classificação: primeiridade, secundidade e terceiridade. Trata-se da fenomenologia que está na base do seu pensamento filosófico, cuja classificação das ciências que as contem, é oportuno conhecê-la ou revisitá-la através do diagrama abaixo (fig. 1), cuja sequência numérica traduz a evolução na busca da razoabilidade concreta, pensamento controlado e operacional.

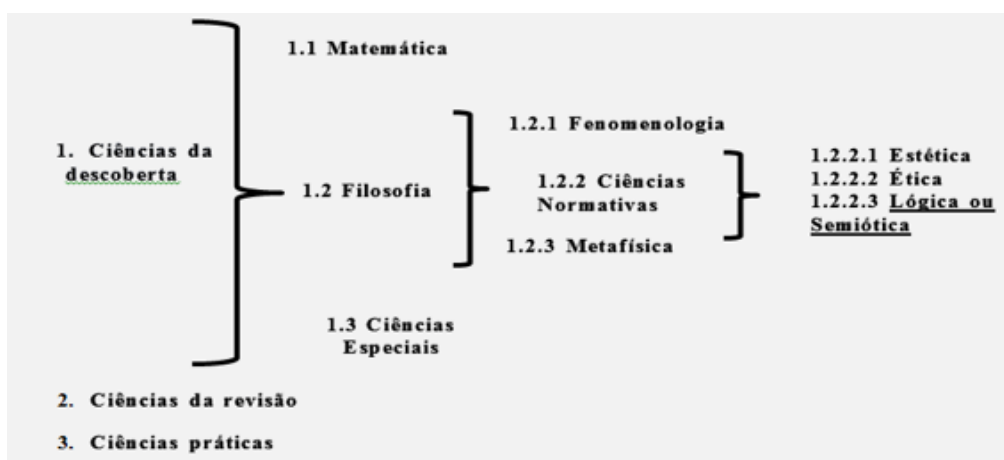


Figura 1 - Classificação das Ciências de C. S. Peirce

A filosofia pertence às ciências da descoberta, enquanto a Matemática está para o evento das possibilidades, ela está para revelação, classificação e operacionalização dos fenômenos, assim, se processam as tarefas da Fenomenologia, Ciências Normativas e da Metafísica. A tarefa da fenomenologia é lidar com os intermináveis fenômenos, observá-los para generalizá-los em suas grandezas, discerni-los e submetê-los a um número reduzido de categorias fenomenológicas, pois, se não houvesse algo de geral entre os fenômenos, se fossem constantemente dispares, não haveria modo de



sistematizá-los. Um modo de pensar na classificação de tais fenômenos basta recorrer a questão do tempo: a primeiridade é o presente imediato, sem qualquer julgamento, pois já seria passado; a secundidade é a relação pretérita com o presente, relação de fatos, e a terceiridade encapsula passado e presente com vistas a guiar o futuro. É nesse esteio que o pensamento, constituído nas nossas experiências, se processa, num fluxo incessante, trazendo a experiência adquirida (passado) para conduzir ações futuras. Destarte, as três categorias são intrínsecas.

A categoria da primeiridade e a condição de imediaticidade, o momento presente, em que não há nada de anterior orientando o fenômeno. Existe aí o princípio de monada, de qualidade de sentimentos, de um universo de possíveis, de múltiplas situações. Na categoria da secundidade, a semântica disparada por um dos termos usado por Peirce para referenciá-la, *struggle*, é bem elucidativa, é a categoria do conflito, da insistência, da distinção da consciência (o “eu” e “não eu”), da diversidade fenomênica, da relação temporal passado e presente. Ao afirmar que: “*It is impossible to resolve everything in our thoughts into those two elements [of Firstness and Secondness]*”.<sup>1</sup> (CP, 1.343), Peirce atenta para terceira categoria. A natureza fundamental desse modo é a mediação, o “*link*” entre o primeiro e o segundo, é o liame inteligível entre ação e reação que se estabelece na causa bruta. Conforme comenta MERRELL e QUEIROZ (2008, p. 293) “a terceiridade inclui ‘mediação’, ‘transformação’ e ‘evolução’, ‘crescimento vital’ [...]. Esta categoria tem sua ‘força motriz’ nos hábitos, leis, e regularidades.”, ou seja, são atributos terminológicos que implicita sempre o estado mediativo. Esta sucinta apresentação das categorias é a porta de entrada para compreender o universo fenomênico que evolui para o inteligível.

O segundo ramo da Filosofia, as Ciências Normativas, ordena como a Lógica se desenvolve. A ideia de normatização não se trata de algo rígido ou determinista, mas em acompanhar como a razoabilidade concreta se interpõe:

como pensamento, conduta e sentimento podem ser controlados, supondo-se que eles estejam sujeitos, numa certa medida, e apenas em uma certa medida, ao autocontrole exercido por meio do autocrítica e da formação propositada de hábitos, tal como o senso comum nos diz que eles, até certo ponto, são controláveis” (MS 655:24 *apud* SANTAELLA, 1994, p.120)

A ordem normativa segue a naturezas das categorias: a Estética, a Ética e, por fim a Lógica, também denomina a mais conhecida Semiótica. Esta última como investigação da verdade, retomará a ética, não no sentido do bem e do mal, mas

<sup>1</sup> Tradução do autor: É impossível resolver tudo em nossos pensamentos com os dois elementos [de Primeiridade Secundidade].



na condição que temos para adotar e aprovar um ato moral, e a Ética terá como anterioridade a Estética, como provedora de algo original admirável, despido de qualquer julgamento estético. Tendo em vista que aquilo que é admirável não é eterno, novos admiráveis poderão degenerar os valores éticos que invalidaram a verdade, a crença. Esse é o exemplo da doutrina do Falibilismo de Peirce: “é a doutrina de que nosso conhecimento nunca é absoluto, mas é como se sempre flutuasse em um continuun de incerteza e determinação” (CP 1.171 *apud* IBRI, 1992, p.52).

A lógica ou Semiótica com intento de controlar o pensamento, não na ideia de contê-lo, mas de compreendê-lo em toda sua estrutura de produzir sentidos, debruça-se sobre o signo. Entre os diversos conceitos de signo propostos por Peirce, sempre demonstram sua propriedade cognoscível, segue:

[A minha definição de signo é]: Signo é um cognoscível, que, de um lado, é assim determinado (isto é, especializado, bestimmt) por algo diverso dele, chamado seu objeto, enquanto por outro lado, ele próprio determina uma Mente existente ou potencial, determinação essa que denomino o Interpretante criado pelo Signo, ie onde essa Mente Interpretante se acha assim determinada mediatamente pelo Objeto.(PEIRCE, 1983, p. 121)

O signo triádico de Peirce é amplo, não está apenas para o aspecto logocêntrico, mas para as diversas excitações que batem a porta da nossa percepção. São tessituras que consentem enredar toda e qualquer forma de semiose. Apesar do signo se tratar de algo intrínseco, a “lente” semiótica que esmiúça as estruturas mais ínfimas desse fenômeno, divide o signo em aspectos – *representamen*, objeto e interpretante. Cada aspecto exhibe outros modos triádicos, todos ordenados pelas características das categorias fenomenológicas.

O ***representamen*** é o primeiro, é o modo como algo se apresenta ou se representa a mente<sup>2</sup>. Esse “algo” é o **objeto do signo**, que por sua vez, do modo que se apresenta ou representa referencia modos diferentes desse objeto. Nessa relação dual, objeto que determina o signo e o que o signo representa, está o **interpretante**, que são os efeitos que o signo efetiva. Para a percepção o que está primeiro é o *representamen*, mas na dependência do objeto que está sujeito a gerar significações.

O níveis do signo são os modos que cada aspecto, sempre fundados nas categorias fenomenológicas, podem desenvolver-se. Para o *representamen* tem-se: o qualisigno – o elemento qualitativo de alguma coisa, mero tom, um som, um cheiro, enfim qualquer, relação suspensa, a deriva, aberta, pertinentemente geral;

<sup>2</sup> O conceito de Mente em Peirce está além da visão antropocêntrica, portanto, mente é qualquer coisa capaz de sofrer ação do signo. Tudo que evolui para o inteligível é mente.





*o sisnsigno* – que define a relação tempo e espaço, apresenta-se como um “aqui e agora”, que caracteriza a singularidade em relação ao fluxo generalizante, regente a outros existentes, sujeito a conexão; *o legisigno* – é uma lei, um arbitrariedade em relação ao seu objeto, portanto tem caráter abstrato, encapsula o sinsigno e atua em condição operacional.

O Objeto do signo, o caráter existente do signo, sem o qual não há representação, apresenta dois percursos um voltado ao objeto em si mesmo - objeto imediato, e outro o objeto dinâmico que está para o contexto externo ao objeto que de certa forma ele refere-se. O objeto imediato está para o objeto dinâmico, enquanto o primeiro retroage em direção ao próprio objeto, o segundo expande para os interpretantes.

O interpretante do signo, que não pode ser confundido com intérprete (ação do sujeito sobre o signo), é o efeito que o signo produz numa mente, é responsável pela integridade da mediação, se desdobra em três níveis<sup>3</sup>: remático, dicente e argumento, são respectivamente efeitos: de similaridade dos qualisignos e ícones efetivando uma comparação, de factualidades dos sinsignos e índices para estabelecerem uma interpretação e na determinação interpretativa efetuada pelos legisignos simbólicos. Considerando apenas três níveis de cada aspecto do signo (qualisign, sinsigno, legisigno – ícone, índice, símbolo – remático, dicente, argumento), Peirce estabeleceu as dez classes de signos (fig. 2)

	<u>Representamen</u>	<u>Objeto</u>	<u>Interpretante</u>
1.	<u>qualisigno</u>	<u>icônico</u>	<u>remático</u>
2.	<u>sinsigno</u>	<u>icônico</u>	<u>remático</u>
3.	<u>sinsigno</u>	<u>indexical</u>	<u>remático</u>
4.	<u>sinsigno</u>	<u>indexical</u>	<u>dicente</u>
5.	<u>legisigno</u>	<u>icônico</u>	<u>remático</u>
6.	<u>legisigno</u>	<u>indexical</u>	<u>remático</u>
7.	<u>legisigno</u>	<u>indexical</u>	<u>dicente</u>
8.	<u>legisigno</u>	<u>simbólico</u>	<u>remático</u>
9.	<u>legisigno</u>	<u>simbólico</u>	<u>dicente</u>
10.	<u>legisigno</u>	<u>simbólico</u>	<u>argumental</u>

Figura 2 - Dez classes de signos proposto por C. S. Peirce

O intuito de reler a diagramação proposta por Peirce é destacar que o signo legítimo é o nível máximo de arbitrariedade e abstração (concreta) que se dá no nível legi-simbolo-argumental. As demais classes decrescem, ou usando léxico peirceano,

<sup>3</sup> A primeira divisão dos interpretantes é: imediato (potencialidade de produzir efeito), dinâmico (efeito produzido a mente) e final (efeito operacional), porém o mais usual e a tricotomia que desenvolve nos interpretantes finais: remático, dicente e argumento.



degeneram em direção a primeiridade, quali-ícone-remático, que neste nível tem a função de apresentar e não representar. A rema produz efeitos a partir da semelhança do objeto com ele mesmo, que se apresenta na sua potência qualitativa, deste modo, não estabelece referência e o modo operativo sede a contemplação. A função representativa do signo se instala a partir da atuação indexicalidade.

## **2 Objeto do signo, indexalidade e memória**

O signo se estabelece através dos nossos órgãos sensórias – a percepção, interage com as experiências pretéritas – signos preexistentes na memória do sujeito e produz uma síntese, um produto cognitivo. Aparentemente parece sugerir que percepção, relações pretéritas e cognição estariam dispostos na ordem categorial, porém uma prévia análise urge.

Primeiro retomamos ideia: “Nós estamos no Pensamento e não ele em nós.”[...] (PEIRCE, CP 8.256), que não restringe pensamento a condição nominalista. Se o nominalismo fosse a realidade o pensamento estaria em nós. Para ele, é algo mais amplo, o pensamento como signo, como fenômeno de terceiridade que lei evolutiva de qualquer fenômeno no universo. Nós estamos inseridos nessa teia mediativa, portanto nossas sensações são filtradas pelo maquinário que somos dotados e depois pela experiência anterior, que nada mais é que a experiência que foi imediata num momento e passou a pretérita depois.

Todo e qualquer estímulo perceptivo passa pela tradução sensorial que requer algum fragmento de memória, mas, quando qualquer fragmento estabelece essa tradução, exige certa conexão, portanto há mediação, há cognição. Cabe inferir que a percepção (que está para a primeiridade) sempre fluente, diminui à medida que a cognição faz seu papel de síntese (que está para terceiridade), sempre incessante, para guiar condutas. A secundidade está nas referências que o objeto imediato e dinâmico travam entre si, enquanto está mais vinculado a condição perceptiva o segundo está apto a caminhar para mediação. Na realidade, existem intensidades de primeiridade, secundidade e terceiridade entre esses fenômenos de apreensão, compreensão e operação do pensamento, que se revezam de acordo com a natureza categorial.

O que interessa para o momento é a propriedade do objeto do signo referir-se a algo externo a ele (condição dinâmica), ele pode referenciar através de um ícone<sup>4</sup>, de índice ou de uma lei, o que implicaria na condição de evocar um banco de dados,

---

<sup>4</sup> Para Peirce o conceito de ícone não pode ser entendido apenas como imagem, mas como semelhança entre signos, portanto sons, cheiros, também são ícones.



uma memória no sujeito: uma primeira que estaria presa às condições de semelhança, aquilo que aprece com alguma outra coisa na experiência adquirida, uma segunda levada por algum traço de generalidade, um indicativo, um apontamento a outra coisa, também contida no passado e uma terceira definida por uma convenção, que, nessa condição de lei, já estaria programada para guiar associações. Os objetos do signo não agem sozinhos, são intrínsecos, há por detrás deles os aspectos que são representados a mente e só temos acesso através dos interpretantes gerados.

Quando apresentamos o desenho do Pato Donald para uma criança que jamais teve acesso a esse imagético produzido para crianças, outra que já experimentou parte desse universo, mas não conhece o personagens da Disney e outra que fosse um leitor de historinha em quadrinhos da Disney, teríamos ações diferenciadas do signo. Provavelmente, teríamos na sequência: um leitor com dificuldades entre a estilização do Pato Donald com a figura da ave, um outro leitor que reconheceria o pato estilizado e o terceiro, que estaria apto a informar “é o Donald”. As experiências de cada um deles sofreram ação do signo com aspectos diferenciados, subsidiaram ações associativas por similaridade, indexalidade e lei. A memória permeia pelos níveis do signo, mas é no objeto dinâmico que atinge seu ápice, porém, como tudo depende da experiência (signos adquiridos) do sujeito que o signo afetar.

É através do potencial objetivo do signo, que reside a potencialidade de recuperação de memória, segue uma análise de *Èṣú Elegbara*, elemento controverso na cultura afro-brasileira, de procedência teológica Yorubá. O culto da divindade está presente nos ritos afro-brasileiros em diferentes modos de interação cultural: transculturação nos Candomblés e aculturados na Umbanda, cujo delineamento tanto nos credos como das relações interculturais não podem ser contemplados por ora dada a extensão.

### **3 Èṣú Elegbara**

Dentre as principais matrizes africanas trazidas para o Brasil, os Yorubá, (nome autoproclamado pela etnia) ou Nagô (nome externo dado para a etnia), trouxeram o culto de *Èṣú Elegbara*. Trata-se de uma divindade masculina, associada aos elementos da mediação, inteligência e comunicação, portanto, são essas qualidades que a associam as mais diversas ações humanas: sexualidade, comércio, caminhos, oráculo, etc. Dentre o complexo religioso dos Yorubá, é considerado a terceira figura a partir de Eledumaré, o criador (SALAMI, 2006). É atribuído, em terra natal, o caráter de benevolência, da paciência, da insubordinação, da astúcia, e em menor escala da agressividade.



Entre os Yorubás, é representado de forma humana (fig. 3), geralmente esculpido em madeira, pelo falo modelado em argila ou esculpido em madeira, tanto em formas tridimensionais como em baixo relevo em acessórios religiosos feitos de madeira. As imagens são ordenadas de feiras de búzios e mantêm o certo estilo da escultura africana tradicional: a geometrização da forma, evidência de órgãos sensoriais (olho e boca), relaxamento de cânones mais realistas para a proporção da figura humana. Apresenta-se ora sentado, ora em pé, mãos apoiadas, enfim, há um padrão e traços singulares de acordo com o escultor responsável e o ritual a ser desenvolvido. Essas imagens se mantem na cor natural do material produzido, porém, algumas vezes, são pintadas ou soprados, com um pigmento vegetal vermelho denominado entre os yorubá de *osun*.

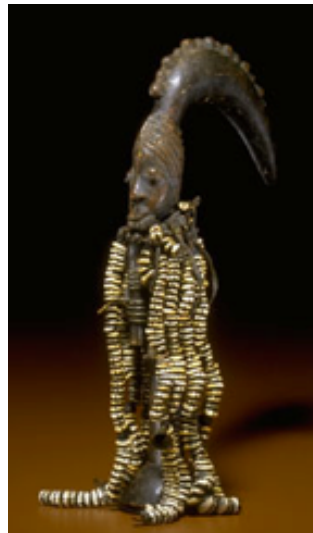


Figura 3 - Imagem de Èsú Elegbara em África

Fonte: [http://www.iub.edu/~iuam/online\\_modules/wielgus/west\\_africa/west\\_africa07.html](http://www.iub.edu/~iuam/online_modules/wielgus/west_africa/west_africa07.html)

Em solo brasileiro, o mito (fig.4) adquiriu versão feminina e, no primeiro momento, foi modelado em ferro, apresentando chifres, ostentação do falo, com a caracterização humana dada apenas por: indicadores da boca, olhos, pernas, braços etc. A versão feminina, obviamente sem o falo, mas com a indicação sexual apresentada por um corte a vagina e seios, de acordo com o ferreiro. Fruto de atividades tímidas ou dissimuladas para evitarem perseguições religiosas.





Figura 4 - Imagem de Èsú Elegbara feito em ferro no Brasil

Fonte: <http://www.agendartecultura.com.br/noticias/exu-faces-energia-orixa-mafro/>

A expansão das religiões afro-brasileiras que se intensificam a partir da década de 50, promoveu nas décadas seguintes um mercado de consumo de material religioso e, destarte, nos anos setenta expandiram as imagens de Èsú Elegbara: estatuetas em gesso de homens (fig. 5), uns com barbas outros imberbes, alguns musculosos outros sem evidência muscular, o mesmo ocorre com o pênis, alguns fundidos na imagem de animais, chifres, elegantes, tortos, uma quantidade de particularidades muito ampla, cujo imaginário popular parece dar continuidade a inovações. A cor predominante passou a ser o vermelho e o preto. Também a versão feminina com evidencia extrema da feminilidade vulgar.



Figura 5 - Estatueta de gesso de Exu Èsú Elegbara

Fonte: <http://pt.wikibooks.org/wiki/Umbanda/Exu>



O material plástico não está desassociado do contexto verbal que os permeia, aliás, na configuração imagética se retroalimentam: dados ou sentenças verbais orientam a construção imagética, assim como a imagem reforça a descaracterização matricial Yorubá.

Paralelo a essa trajetória de transformação pictórica, ocorreu e ocorre ao evento da “nagotização” a, que da recuperação de valores africanos *in loco*, causados por intercâmbios distintos: o primeiro no fim da escravidão, entre escravos e comerciantes, o segundo, de causa mais intelectual, pelo interesse antropológico nas matrizes africanas e, o último que estamos presenciando há algumas décadas, a reorganização de práticas religiosas transformadas nos processos de aculturação e transculturação.

Desde a África, *Èṣú Elegbara* é confundido com o demônio católico (VERGER, 1981), pois, pelo viés do signo, religiosos leram o pênis no potencial de memória sitiado na sua cultura, assim, a fornicação, o pecado, o mal foram as semioses que se instalaram. Sob essa julgo *Èṣú Elegbara* chega ao Brasil, e obviamente impulsionado por esses indicadores e outros fatos, o preconceito religioso e racista se torna crescente. A fórmula indicial “pênis-maldade” angariou novos indicadores: chifres, capas, o vermelho, o preto, etc.

O indivíduo religioso, em quem se subentende maior domínio dos conceitos, terá uma memória para alimentar as relações dos indexicais das imagens bem mais que o leigo. Mas, o leigo também processará sua semiose, mas numa direção distinta. A condição do imenso leques de associações e apontamentos que os índices disparam a partir do objeto dinâmico do signo estão sujeitas a duas situações: no caso do indivíduo pertinente ao credo, a semiose será orientada pelas convenções teológicas e, no caso do indivíduo diverso, as imensidades das experiências se entrelaçaram nos índices.

No caso de *Èṣú Elegbara*, em solo brasileiro, três situações podem ser destacadas: a semiose interna ao conhecimento teológico transculturada ou aculturada no Brasil pouco expandida geograficamente e outra mais expandida, portanto mais sujeita a inter-relação de índices, a semiose aberta, sem controle da teologia africana e a aquela que retoma na pressuposta matricialidade teológica da África. São quatro casos que poderiam tomar como exemplo plástico: as imagens de ferro, estatuas de gesso, a imagética oral criada pela intolerância religiosa e as imagens de madeira introduzidas mais atualmente.



O fenômeno de terceiridade, o signo, estabelece condutas, guia pensamentos, estabelece hábitos, portanto, nossos pensamentos são hábitos adquiridos, que podem se degenerar, em virtude de um novo hábito que venha se estabelecer. Assim, como a semiose é um fenômeno contínuo, pois o pensamento nunca cessa e a regeneração de hábito também é algo incessante, pois não há um único a ser seguido, uma única lei. A potencialidade da regeneração do hábito também está no potencial de memória, o nosso material individual e cultural que temos acumulado e estamos inseridos.


Novos dados: o pigmento vermelho, o osun, têm a significação entre os Yorubá de tornar algo ativo, renascimento, a sua presença nas estátuas de gesso apontam para o conceito de inferno criados pela cultura católica. Essa distância de significados, praticamente incomunicáveis no nível da convenção e da referência do signo, se aproxima no nível qualitativo icônico remático, o vermelho, mas neste nível o signo apenas se apresenta. Compreender uma nova versão da vermelhidão de Esu Elegbara só é possível ampliando referências e construir novos hábitos. Dois momentos de estudos sobre o levantamento de imagens sobre *Èsú Elegbara*, duas situações foram preciosas e exemplares: um indivíduo fadado à intolerância religiosa africana, observou a foto de uma estatueta na versão africana e nada comentou, porém, ao se deparar com uma fotografia de gesso criticou a crença afro-brasileira. Provavelmente, caso a versão africana tornar-se popular no universo brasileiro, reivindicará tal referência para o sujeitos estrangeiros dessa crença religiosa.

Semioses proliferam, a memória como experiência adquirida, é o material a disposição da referencialidade do objeto dinâmico do signo. Estende-se da singularidade do sujeito até o âmbito cultural, estabelece nichos culturais quando se processa por circuitos limitados de referência. A memória está para a potência, para a diversidade e para a conduta do modo que objeto se conecta a nossa mente. Não obstante, o banco de dados podem ser ampliados e aí os museus, os "googles", e todas as demais possibilidades, basta o sujeito contribuir com o seu papel.

### Referências bibliográficas

IBRI, I. A, **Kosmos Noetos**: arquitetura metafísica de Charles S. Peirce, São Paulo: Perspectiva, 1982.

JORGE, A. M G. **Topologia da ação mental**: introdução a Teoria da Mente. São Paulo: AnnaBlume, 2006.



MERRELL, F, QUEIROZ, J. **Borges e as categorias lógico-fenomenológicas de Peirce**. Rio de Janeiro: Alea, vol.10, no.2, July/Dec. 2008. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-106X2008000200009>. Acesso em 08/03/2015

PEIRCE, C. S. **Collected papers of Charles Sanders Peirce** / eds. Charles Hartshorne, Paul Weiss. Vol. 1-8 Cambridge: The Belknap Press of Harvard University Press, 1978.

SALAMI, S. (King); RIBEIRO, R. I. **Exu e a ordem do universo**. São Paulo: Oduduwa, 2011.

SANTAELLA, L. **Estética de Platão a Peirce**. São Paulo: Experimento, 1994.

\_\_\_\_\_. **A teoria geral dos signos: como a linguagem significam as coisas**. São Paulo: Pioneira, 2004.

\_\_\_\_\_. **Semiótica aplicada**. São Paulo: Pioneira, 2004.

SANTOS, J. E. e SANTOS, D. M. **Èsù**, Corrupio: Salvador, 2014.

VERGER, P. **Orixás: deuses Iorubas na África e novo mundo**. Corrupio: São Paulo, 1981.

#### **Minicurrículo**

**Sidney** possui graduação em Licenciatura em Artes Plásticas pela Fundação Armando Álvares Penteado (1991), mestrado em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2006) e doutorado em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2015). Atualmente é professor titular - Secretaria de Estado da Educação de São Paulo. Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Artes Plásticas, atuando principalmente nos seguintes temas: linguagem visual, artes visuais e cognição visual.